

O progresso de Ijuhy

30 maio 2008

Hoje a palavra utilizada é desenvolvimento, que recebe inclusive o adjetivo sustentável. Na época da colonização de Ijuhy a palavra usada era outra: progresso. Progresso expressava o crescimento econômico e a transformação da natureza pelo trabalho das pessoas. Derrubar o mato, caçar ou eliminar os animais selvagens, limpar a terra ateando fogo aos galhos e tocos, abrir roça nova, plantar milho e trigo, cercar poteiros, fundar vilas e cidades, construir capelas e escolas eram práticas muito bem vistas e motivo de orgulho.

Na comemoração dos cem anos da imigração alemã para o Brasil, os moradores do segundo distrito de Ijuhy escreveram:

“No fim da segunda década o retrato da colônia é bem mais agradável. Ao longo das ruas já não há mais a mata selvagem. Bonitas residências de colonos, rodeadas de laranjais em flor, pessegueiros e ameixeiras mostram claramente o progresso. Em verdes campos pastam vacas gordas, cavalos e terneiros. Já existem mais serrarias, algumas com água e outras a vapor, mais olarias e fábricas de telhas que facilitam a construção de moradias” (1824-1924: Festschrift zur Jahrhundertfeier der ersten deutschen... 1924).

No Relatório Municipal de 1912 o Coronel Dico registrou:

“Só quem trabalhou durante anos, pelo progresso de Ijuhy, pode compreender, como a alma vibra do mais eloquente entusiasmo, vendo a operosa colônia de ontem, constituída hoje em rico e florescente município” (Relatório Municipal de 1912. Museu Antropológico Diretor Pestana).

Quem viveu na época da colonização não poderia duvidar do progresso, afinal o ambiente estava sendo rapidamente alterado. Os matos, os campos e os banhados, que eram vistos como selvagens e improdutivos, cediam lugar para a civilização. Centenas de famílias sustentaram-se e puderam criar seus filhos. Como era normal para a época, prevalecia a lógica econômica: produzir e progredir. Essa era a compreensão dos colonos e da administração, não a dos caboclos que viviam nesta região muito antes da colonização.

Poucos questionaram a velocidade e as conseqüências desse progresso, como foi o caso do cronista Hemeterio J. Velloso da Silveira, que escreveu em 1909:

“Agora com a permanente habitação de posseiros, ouve-se sim, os golpes dos machados, derrubando arvores para madeiras de construção e lenha, ou preparando a terra para a plantação de legumes; - ouve-se o rumor dos monjolos triturando a herva matte ou o milho para farinha.

Bem caro devem custar um dia essas derrubadas e os incendios. Em toda a parte do Brazil (mas especialmente no Sul) a destruição das arvores da selva sem a menor reserva, extinguindo-as mesmo, produzirá a seccura da terra e até a alteração do clima, tornando-o insalubre” (p. 217).

Também o padre Antoni Cuber, pároco em Ijuhy de 1896 a 1915, argumentou que “O tamanduá bandeira (grande) e o tamanduá mirim (pequeno) verdadeiros ‘papa formigas’ se encarregam de destruir enormes quantidades e variedades de formigas que aqui existem. Os colonos não deveriam jamais abater esse animal, pois ele é muito útil” (Museu Antropológico Diretor Pestana, p. 33).

A modernização da agricultura nas décadas de 1960 e 1970, com o cultivo da soja utilizando agroquímicos - também compreendida como progresso - estimulou os agricultores a derrubar áreas de mato e a drenar banhados que ainda estavam conservados.

Neste progresso que iniciou com a colonização, eliminamos muitas espécies animais e vegetais, perdemos biodiversidade, desgastamos os solos, assoreamos os rios, contaminamos as águas e excluimos parte das pessoas, que não pôde participar dele.

Já é tempo de repensar o progresso ou o desenvolvimento. Conhecer a História de Ijuhy nos ajuda a perceber que a lógica puramente econômica é incompatível com uma postura de responsabilidade ambiental, que é uma necessidade da nossa época.